

info@marcador.pt  
www.marcador.pt  
facebook.com/marcadoreditora  
instagram.com/marcador\_editora

© 2018

Direitos reservados para Marcador Editora,  
uma empresa Editorial Presença  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

The Selection Novella: Happily Ever After (Companion to the Selection Series) — © 2015  
por Kiera Cass

Edição portuguesa publicada por acordo com The Laura Dail Literary Agency e International  
Editors'Co.Barcelona

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem per-  
missão por escrito, exceto no caso de breves citações incluídas em artigos críticos e resenhas.

Título original: *The Selection Novella: Happily Ever After: Companion to the Selection Series*

Autora: Kiera Cass

Tradução: *Sónia Silva*

Revisão: *Editorial Presença*

Arte de capa original © 2015 por Gustavo Marx/MergeLeft Reps, Inc.

Design de capa original: *Erin Fitzsimmons*

Arte da contracapa original e ilustrações © 2015 por Sandra Suy

Arranjo de capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Mapa: *Virginia Allyn*

Paginação, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 441 647/18

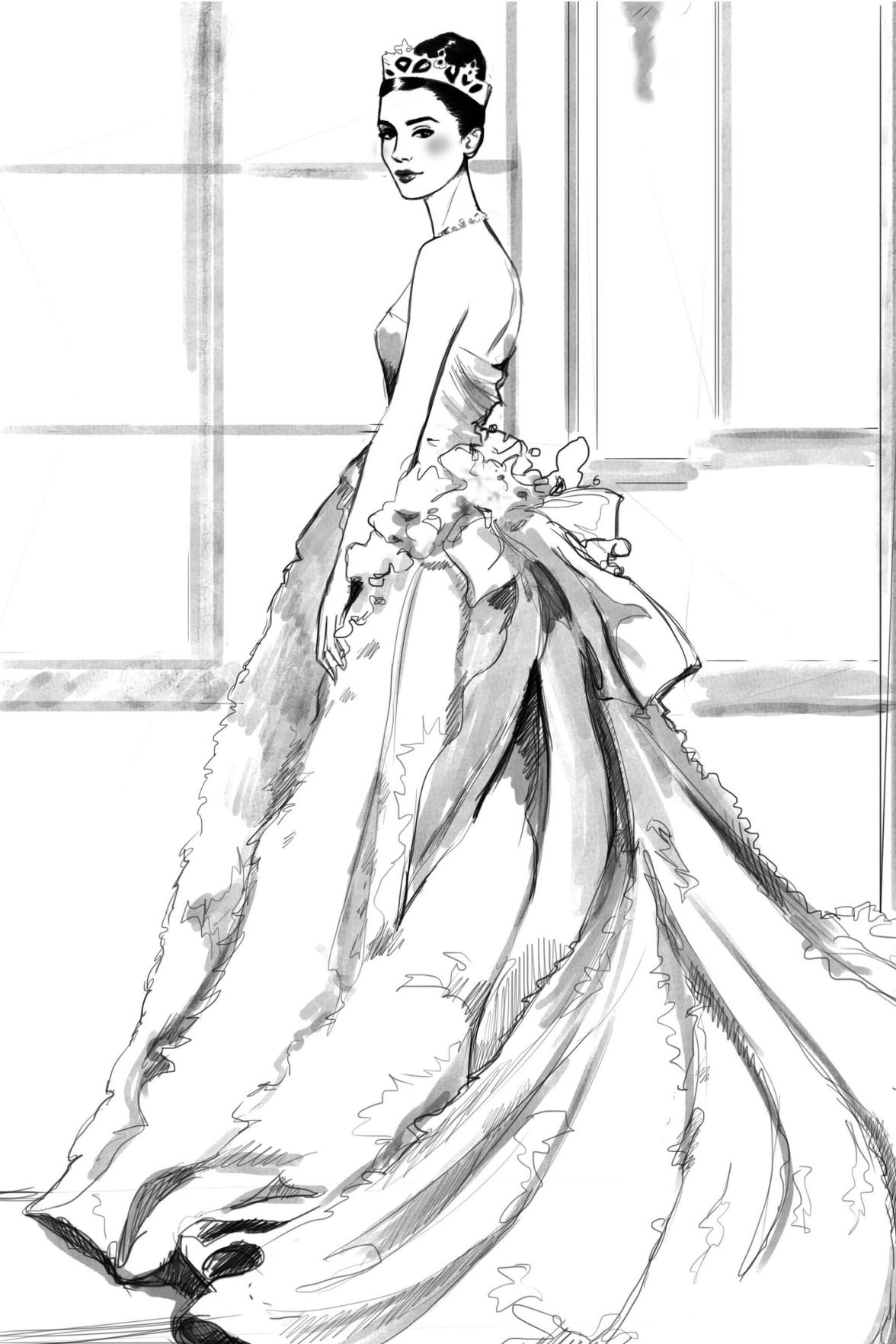
1.ª edição, Lisboa, julho, 2018

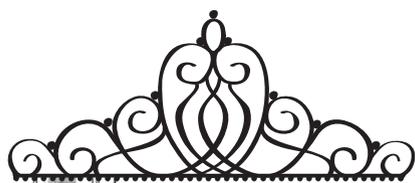
# Índice

A RAINHA .....	11
O PRÍNCIPE .....	85
O GUARDA .....	159
A FAVORITA .....	241
Cenas de CELESTE .....	287
A chegada .....	289
O beijo .....	293
A partida .....	299
A AIA .....	305
DEPOIS DE <i>A ESCOLHA</i> .....	317
ONDE ESTÃO AGORA? .....	327









# A RAINHA





## Uma introdução a «A Rainha»

*Até eu estava ansiosa para descobrir esta história. Eu adoro a Amberly. Por ser mãe, olho para ela com uma grande admiração. Ela é encantadora, inteligente, elegante, bonita; e, apesar de já ter vivenciado a sua dose de tristeza, tenta ser alegre. Então, como pôde esta mulher maravilhosa apaixonar-se por alguém como o Clarkson Schreave?*

*Foi interessante — para dizer o mínimo — ver não só a Amberly na juventude, mas também o Clarkson. Observar a violência e a angústia que ele viveu fez-me perceber como o tempo e o medo podem transformar alguém numa pessoa má. Outra coisa incrível foi ver o esforço enorme que a Amberly fazia para ver o lado positivo dele e da mãe dele, apesar das suas experiências pouco agradáveis. Acho que ela realmente acredita que ninguém é mau de propósito, que toda a alma tem algo de bom, e é isso que ela procura. Isso explicaria vários momentos ao longo da sua própria Seleção, e também tornaria mais fácil entender o motivo de ela estar tão disposta a aceitar a esposa escolhida pelo filho, mesmo que o marido dela (e o país em geral) a riscasse da lista.*

*Uma das minhas preocupações com este conto é que ele diminui um pouco a figura da Amberly. Receio que a faça parecer tola por desconsiderar as palavras e as ações do Clarkson e querer ficar com ele apesar de tudo. Acho que esta é a minha única oportunidade de dizer que nunca quis que este conto fosse uma justificação para relacionamentos abusivos. A minha intenção era que esta história, como tudo o que faço, fosse apenas honesta. Sabemos que o Clarkson tem os seus defeitos. A Amberly também. O conto é uma espreita-dela nos bastidores da vida de duas pessoas despedaçadas.*

*Kiera*



## Capítulo 1

A quarta enxaqueca em duas semanas. Como é que eu explicaria uma coisa destas ao príncipe? Como se não bastasse o facto de quase todas as raparigas que sobraram serem Dois. Como se as minhas aias já não estivessem a trabalhar o suficiente para tratarem das minhas mãos calejadas. Em algum momento, precisaria de lhe contar sobre as ondas de mal-estar que vinham de repente. Isto, se ele alguma vez reparasse em mim.

A rainha Abby estava sentada do outro lado do Salão das Mulheres, parecia querer ficar longe das raparigas de propósito. O mínimo movimento das suas costas já me dava a sensação de que, no que dependesse dela, não éramos bem-vindas.

Ela estendia a mão para uma aia que, por sua vez, lhe limava as unhas na perfeição. Contudo, mesmo rodeada de paparicos, a rainha parecia irritada. Eu não entendia, mas tentava não julgar. Talvez uma parte do meu coração também se endurecesse caso eu perdesse um marido tão jovem. Foi uma sorte o Porter Schreave, primo do falecido, a ter aceiteado como esposa, o que lhe permitiu manter a coroa.

Passei os olhos pelo salão, observando as outras raparigas. A Gillian era Quatro, como eu, mas uma Quatro adequada. O pai e a mãe eram *chefs* de cozinha, e pela forma como ela descrevia as nossas refeições, eu imaginava que ela seguiria o mesmo caminho. A Leigh

e a Madison estudavam para ser veterinárias e visitavam estábulos sempre que recebiam autorização.

Eu sabia que a Nova era uma atriz com milhares de fãs apaixonados a torcer para que ela conseguisse o trono. Outra rapariga, chamada Uma, era ginasta, e o seu corpo pequeno e delicado era gracioso mesmo parado. Algumas das Doís que ali estavam ainda nem sequer tinham escolhido a sua profissão. Se eu também tivesse alguém para me pagar as contas, me alimentar e me dar um teto, talvez também não me preocupasse com isso.

Esfreguei as têmporas doloridas e senti a pele rachada e os calos arranharem a minha testa. Parei para olhar para as minhas mãos maltratadas.

Ele nunca me iria desejar.

Fechei os olhos e pensei no meu primeiro encontro com o príncipe Clarkson. Lembrava-me da força da sua mão ao cumprimentar-me. Ainda bem que as minhas aias encontraram um par de luvas bordadas; de outra forma, eu teria sido logo mandada de volta para casa. O Clarkson foi contido, polido e inteligente: tudo o que um príncipe deveria ser.

Eu tinha percebido durante as últimas duas semanas que ele não sorria muito. Dava a impressão de que temia ser julgado por achar algo engraçado. Mas, meu Deus, como os seus olhos brilhavam quando ele sorria! O cabelo loiro-acinzentado, os olhos levemente azuis, o seu porte robusto... Ele era perfeito.

Infelizmente, eu não era. Mas devia de haver uma maneira de fazer o príncipe Clarkson reparar em mim.

*Querida Adele,*

Afastei a caneta do papel por um instante, consciente de que aquilo era inútil.

Ainda assim...

*Estou a adaptar-me muito bem ao palácio. É bonito. É muito mais que bonito, mas não sei as palavras certas para descrevê-lo. Angeles é quente de uma maneira diferente de casa,*



*mas também não sei como explicar. Não seria maravilhoso se pudesses vir e observar tudo e sentir o clima e os aromas por tí mesma? E, sim, há muitos aromas.*

*Quanto à competição, ainda não passei um único segundo a sós com o príncipe.*

Senti uma pontada na cabeça. Fechei os olhos e respirei devagar. Forcei-me a manter o foco.

*Com certeza viste na televisão que o príncipe Clarkson mandou oito raparigas para casa, todas Quatro e Cinco e a única Seis. Ficaram mais duas Quatro e um punhado de Três. Pergunto-me se esperam que ele escolha uma Dois. Acho que faria sentido, apesar de isso me partir o coração.*

*Podes fazer-me um favor? Perguntas à mãe e ao pai se temos um primo ou alguém na família nas castas mais altas? Eu deveria ter perguntado antes de partir. Acho que uma informação dessas seria bastante útil.*

Eu estava a começar a sentir as náuseas que às vezes acompanham as enxaquecas.

*Preciso de ir. Está a acontecer muita coisa. Escrevo outra carta em breve.*

*Adoro-te para sempre,  
Amberly*

Sentia-me fraca. Dobrei a carta e selei-a no envelope já endereçado. Esfreguei as têmporas mais uma vez, na esperança de que a leve pressão me trouxesse algum alívio, embora nunca funcionasse.

— Está tudo bem, Amberly? — perguntou a Danica.

— Ah, sim — menti. — Acho que estou cansada ou algo assim. Vou dar uma volta. Para fazer o sangue circular.

Sorri à Danica e à Madeline e saí do Salão das Mulheres em direção à casa de banho. Um pouco de água fria no rosto arruinaria a maquilhagem, mas talvez me fizesse sentir melhor. Antes que pudesse

chegar lá, a tontura veio outra vez. Sentei-me num dos pequenos sofás dispostos pelos corredores e encostei a cabeça na parede para ver se melhorava.

Aquilo não fazia sentido. Toda a gente sabia que o ar e a água no sul de Illéa eram péssimos. Até as Dois de lá tinham problemas de saúde de vez em quando. Mas o palácio — um refúgio de ar puro, comida boa e cuidados impecáveis — não deveria ajudar-me a ficar bem?

Eu perderia todas as oportunidades de impressionar o príncipe Clarkson se aquilo continuasse. E se eu não conseguisse participar da partida de *croquet* à tarde? Sentia os meus sonhos escaparem por entre os dedos. Seria melhor admitir já a derrota. Doeria menos depois.

— O que está a fazer?

Sobressaltada, levantei a cabeça e dei de caras com o príncipe Clarkson a olhar para mim.

— Nada, Vossa Alteza.

— Está indisposta?

— Não, claro que não — insisti, levantando-me. Foi um erro. As minhas pernas cederam e eu caí no chão.

— Menina? — perguntou, já ao meu lado.

— Sinto muito — murmurei. — Isto é tão humilhante.

Ele pegou-me ao colo.

— Feche os olhos se estiver tonta. Vamos para a ala hospitalar.

Que história engraçada para contar aos meus filhos: uma vez o rei carregou-me pelo palácio como se eu não pesasse nada. Era bom estar ali, nos seus braços. Sempre me tinha perguntado como seria senti-los.

— Meu Deus — alguém gritou. Abri os olhos e vi que se tratava de uma enfermeira.

— Acho que ela está com uma fraqueza ou algo assim — disse o Clarkson. — Não parece magoada.

— Coloque-a aqui, por favor, Vossa Alteza.

Com extremo cuidado, o príncipe Clarkson deitou-me numa das camas que pontilhavam a ala hospitalar. Eu esperava que ele pudesse ver a gratidão no meu olhar.

Pensei que sairia imediatamente, mas o príncipe permaneceu ao meu lado enquanto a enfermeira verificava o meu pulso.

— Comeu hoje, querida? Ingeriu bastantes líquidos? — perguntou ela.

— Acabámos de tomar o pequeno-almoço — respondeu o príncipe por mim.

— Sente-se doente?

— Não. Bem, sim. Digo, não é nada. De verdade.

A ideia era diminuir a importância daquilo para, quem sabe, conseguir participar na partida de *croquet* mais tarde.

A expressão da enfermeira era severa e doce ao mesmo tempo.

— Permita-me discordar, a menina precisou de ser carregada até aqui.

— Isto acontece constantemente — deixei escapar, frustrada.

— Como assim? — pressionou ela.

Não era minha intenção confessar aquilo. Respirei fundo, tentando pensar numa forma de me explicar. Agora o príncipe saberia como a vida em Hondurágua me tinha prejudicado.

— Tenho muitas enxaquecas. E às vezes dão-me tonturas. — Engoli em seco, preocupada com o que o príncipe iria pensar. — Em casa, vou para a cama horas antes dos meus irmãos. Isso ajuda-me a suportar o dia de trabalho. Aqui é mais difícil descansar.

— Hum. Algo além das enxaquecas e do cansaço?

— Não, senhora.

O Clarkson mexeu-se um pouco ao meu lado. Esperava que ele não pudesse ouvir o meu coração disparado.

— Há quanto tempo tem esse problema?

— Há alguns anos, talvez mais — respondi, encolhendo os ombros. — Já é normal agora.

A enfermeira pareceu preocupada.

— A sua família tem histórico disso?

Fiz uma pausa antes de responder:

— Não exatamente. Mas o nariz da minha irmã às vezes sangra.

— A sua família está sempre doente? — perguntou o Clarkson, com um quê de repulsa na voz.

— Não — repliquei, querendo defender-me, mas ao mesmo tempo sentindo vergonha por ter de me explicar. — Eu moro em Hondurágua.

Ele arqueou as sobrancelhas em sinal de entendimento.

— Ah...

Não era segredo para ninguém o quão poluído era o Sul. O ar era mau. A água era má. Havia tantas crianças deformadas, mulheres estéreis e mortes prematuras. Os rebeldes deixaram uma trilha de grafitis quando passaram por lá; queriam saber porque é que o palácio ainda não tinha resolvido isso. Era um milagre a minha família toda não estar doente como eu. Ou eu não estar pior.

Respirei bem fundo. Que diabo estava ali a fazer? Tinha passado as semanas anteriores à Seleção a construir este conto de fadas na cabeça. Mas não importava o quanto eu desejasse e sonhasse, jamais seria digna de um homem como o Clarkson.

Virei o rosto para que ele não me visse chorar.

— Poderia sair, por favor? — pedi.

Depois de segundos de silêncio, ouvi os passos dele a afastarem-se. Assim que saiu, desabei em lágrimas.

— Calma, querida. Está tudo bem agora — disse a enfermeira para me confortar. Eu estava tão abalada que a abracei como se fosse a minha mãe ou a minha irmã. — É muito desgastante participar numa competição como esta. O príncipe Clarkson sabe disso. Pedirei ao médico para lhe receitar algo para as enxaquecas, e isso vai ajudar.

— Sou apaixonada por ele desde os sete anos. Todos os anos lhe canto os parabéns na almofada para que a minha irmã não se ria de mim por me lembrar. Quando comecei a aprender a escrita cursiva, praticava a escrever os nossos nomes juntos... E a primeira vez que ele fala a sério comigo é para perguntar se sou doente. Não sou boa o bastante — concluí chorosa.

A enfermeira nem tentou argumentar comigo. Apenas me deixou chorar.

Eu estava tão envergonhada. O Clarkson nunca olharia para mim como outra coisa além da rapariga fraca que o dispensou. Eu tinha a certeza de que a minha oportunidade de ganhar o seu coração tinha escapado. Para que é que ele me iria querer depois disso?